Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP

CMUHE043651

FARJALLAT, Célia Siqueira. Tempo e memória. Correio Popular, Campinas, 27 jun.,1985.

Tempo e Memória

Correio Popular 27-6-85

C. Siqueira Farjallat

Narrando a história de uma família paulista, como tantas outras que vieram na zona rural do Vale do Paraíba, no fim do Ciclo do Café, quando as fazendas eram centros de grandes atividades econômicas, entremeadas de festas e reuniões familiares, Maria Tereza Ramos Marcondes, narrou em "Tempo e Memória", episódios, cenas, costumes, e fixou cenários encantadores e acontecimentos vividos por muita gente, principalmente, pelas pessoas que têm raízes ancestrais ligadas aos intrépidos pioneiros das lavouras cafeeiras, ou contato com lides agrícolas e pastoris de outrora.

Maria Teresa, que ora reside em Campinas, nasceu há mais de meio século na Fazenda São Joaquim no Bairro de Mato Dentro do Macuco, Município de Taubaté, no Vale do Paraíba. Sentiu fortemente o apelo do berço natal, do pedaço de chão onde passou os verdes anos, e para o qual jamais quis voltar, quando percebeu que aquele mundo querido se fragmentava ao impulso do progresso. Ela presenciou os últimos lampejos de uma sociedade patriarcal, a fartura das velhas fazendas, onde se produzia de tudo, desde o algodão que se plantava, ao fio e ao tecido, obtidos nas rocas domésticas; desde a cana-de-açúcar ao melado, à rapadura, e ao açúcar mascavo dos primitivos engenhos. Então, sem qualquer pretensão literária, mas com simplicidade, ela registrou fatos e cenas, linguagens e folclore, fazendo de seu livro, tão autêntico e saboroso, um documento de uma época não muito distante, mas já totalmente diferente da atual.

Enriqueceu o livro com fotos e gravuras da época, fixando o tradicionalismo das famílias numerosas; a presença de costumes honrados; tempos em que um fio de barba valia mais do que documento passado em cartório; o respeito pelas senhoras; os nomes de sabor muito antigo: Pureza, Quitéria, Efigênia, Porfírio, Anacleto, Bento, Jesuíno. Até os topônimos eram mais brasileiros: Ribeirão das Almas, Monjolinho, Morro de Nhá Rita, e um delicioso "Tira Chapéu", assim chamados porque "de lá se avistava a Igreja do Senhor Bom Jesus de Tremembé, e os homens tiravam o chapéu em sinal de respeito".

As evocações da vida nas fazendas antigas guardam sabor inigualável. Eram tempos em que os colonos chamavam os patrões de Sinhá e Sinhô. Tempos em que os negros, ex-escravos, ainda viviam, e seus filhos e netos trabalhavam com amor, presos à terra e à família pelos laços firmes da lealdade e da mais pura dedicação. Tempos em que na Casa Grande vivia o professor ou a professora, às vezes estrangeiros, encarregados da educação dos filhos do fazendeiro. A autora registra estes personagens, e anota a presença de Monsieur Pons, um homem culto, delicado, original e poeta, mestre dos filhos - homens da casa. E havia muita gente mais: primos, parentes afastados, agregados, e uma récua de negrinhos espertos como sacis. Teresa Marcondes descreveu-lhes as figuras perdidas no tempo, captando-lhes até a linguagem estropiada, as narrativas e crendices, mil cenas de suas vidas humildes e de suas mortes distantes. E ainda há estórias de assombrações, de bruxas e encantados, de boitatás e mulas-sem-cabeça; registros da fala de sertanejos; lendas que o povo repetia; receitas de remédios usados pelos matutos. E ainda: "causos" pitorescos; Festas e Folias; leilões e comidas; receitas de doces e bebidas caseiras; relatos da Revolução de 32, provando a coragem e a fibra viril dos caipiras, e o heroísmo obscuro de gente simples e boa. Assim, Maria Teresa fez importante contribuição para melhor conhecimento da vida brasileira.